

## DUDUDE HERRMANN: inventora de improvisações

### Apresentação

Artista e pesquisadora do corpo, Dudude Herrmann vem há mais de cinco décadas trabalhando com a dança contemporânea, mais especificamente com a improvisação e a performance. Começou seus primeiros movimentos de dança no Grupo Transforma em que foi intérprete-criadora, professora e dirigiu alguns trabalhos artísticos. Nesta entrevista, a improvisadora mineira fala sobre improvisação, sobre o projeto Decanto de Dança e sobre como improvisar para a tela. A entrevista foi feita com a artista via WhatsApp. A artista nos dá pistas valiosas para entender sua relação com a improvisação. Premiada diversas vezes como diretora, coreógrafa e intérprete possui uma singular assinatura nas artes da cena adquirindo projeção nacional ao longo de vários anos de carreira. Atualmente, possui seu ateliê de criação, com uma década de funcionamento, localizado em Casa Branca (MG), em que promove ações para a comunidade artística e interessados, com trabalhos focados na arte contemporânea, envolvendo profissionais da cena viva.

**Marcilio de Souza Vieira:** Quem é Dudude Herrman?

**Dudude Herrmann:** Perguntar quem eu sou é uma pergunta difícil porque eu não tenho o menor interesse de saber quem eu sou. Artista inquieta e com vasta experiência no campo das artes do movimento. Seu nome é Maria, Maria de Lourdes, Dudude, artista das montanhas das Minas Gerais. Artista de dança e derivantes, assim como ela se define, começou a se envolver com o movimento nos idos dos anos de 1970, na Escola de Dança de Marilene Martins que foi sua professora por mais de 14 anos. Esse lugar de origem, como assegura Dudude, repercute ad infinitum, pois na escola de Nena (Marilene Martins) havia espaço para a invenção em suas “perseguições contemporâneas”. Começou cedo a dançar e dar aulas no Grupo Transforma (MG). Tornou-se bailarina, diretora, professora pela prática. Ela esteve presente e atuante enquanto a dança contemporânea se estabelecia como objeto de estudo em Belo Horizonte, graças ao Grupo Transforma criado e dirigido por Marilene Martins. Dudude Herrmann é uma das principais pesquisadoras da linguagem de improvisação em dança no país.

### Marcilio de Souza Vieira

Bolsista de Produtividade em Pesquisa – nível 2, Artista da Cena, Pós-Doutor em Artes e em Educação, Doutor em Educação, Professor do Curso de Dança e dos Programas de Pós-Graduação PPGArC, PPGEd e PROFARTES da UFRN. Líder do Grupo de Pesquisa em Corpo, Dança e Processos de Criação (CIRANDAR) e Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Corpo, Fenomenologia e Movimento (Grupo Estesia/UFRN). <https://orcid.org/0000-0002-2034-0796>.

E-mail: marcilio26@hotmail.com

**Marcilio de Souza Vieira:** Como você compreende a improvisação?

**Dudude Herrmann:** A improvisação é construída a partir de experiências e ela é uma escavação que precisa vivenciar, precisa pesquisar no corpo, você precisa abrir seu campo sensível para escutar as coisas do mundo; as urgências que pululam todo tempo. Improvisação é conviver para tecer esse tecido fino via afeto. A improvisação é meu interesse de muito tempo e o grande barato é conviver. A improvisação é uma linguagem potente para a dança, é a composição em tempo real, é a vida vale! E o tempo é precioso e o artista em si ganha autonomia da sua escrita, de seu vocabulário, ter a coragem de se lançar no espaço zero e isso para mim é muito importante: estar treinando o lugar da improvisação, construindo um pensamento improvisacional e abrindo questões que advêm desse treinamento. A improvisação é deixar habitar o espaço de trabalho em que eu faço as minhas improvisações/criações, ter com o outro questões que não são apenas localizadas na arte, mas localizadas na vida. É muito bom quando você vê pessoas buscando, curiosas, procurando e vendo jovens dançarinos ficar com os olhos brilhando por estar nesse lugar das artes, da improvisação, da ação tão intensa e tão potente como é a improvisação. A improvisação tem uma coisa tão preciosa que é o desejo e a vontade. Para mim, o terreno da improvisação é a permanência, é a insistência, são as probabilidades, são as possibilidades daquele instante no aqui e agora; ainda bem que a improvisação não tem uma forma definida porque não é essa a questão, a grande questão é a conexão arte e vida entre presentificar-se, viver a ação do tempo agora. A improvisação como lugar de descoberta e reinvenção que nos faz refletir sobre arte e vida, atenção e escuta.

**Marcilio de Souza Vieira:** Como a improvisação entrou em sua vida?

**Dudude Herrmann:** Eu já trabalho há muito tempo com a improvisação e minha habilidade primeira é o movimento. A maturidade me trouxe a possibilidade de adentrar em outras linguagens como a improvisação e a performance como campos livre de expressão. A improvisação é um campo imediato de expressão, é um campo de urgências de expressão, e a minha habilidade é o movimento; sendo assim, eu me interessar demais por danças, mas eu sou muito curiosa e curiosamente eu vou me deixando ser atingida, vou me interessando em experimentar esse desdobramento; então quando eu estou em performance, em improvisação, é claro que a dança fica assim: e eu, e eu! Mas ela me trouxe uma percepção de mundo, de como eu entendo o mundo, do que eu estou fazendo aqui. Devia ter uns 18 anos, ainda

no Grupo Transforma, quando a Nena (Marilene Martins) disse que eu ia dar aulas para profissionais e daí eu perguntei a ela se eu podia inventar, como resposta ela me disse que eu fizesse o que eu quisesse; foi ali que eu comecei a me apropriar daquilo que me vinha, desse corpo atravessado e reinventar coisas, buscar algo que eu não sabia e realmente até hoje eu dou aula daquilo que não sei e aquilo que eu sei, já foi junto com as pessoas. Eu faço uma dança muito torta, eu faço uma dança misturada, eu não fico pensando em dança, eu fico pensando em vida; como é que esse corpo, essa matéria que é o meu instrumento possa publicar algo no espaço. Que toque algo também que possa ser pessoas em seu campo sensível. Então, para cada trabalho que faço eu preciso construir um corpo; quais as demandas desse trabalho para que esse corpo possa ser vestido dessas ideias. Com o Transforma, aprendi que a improvisação era um lugar de brincadeira, nem sabia que aquilo era improvisação e que a minha verve estava ali pulsante me apontando algo. E eu vi que meu corpo adorava fazer aquilo, nunca pensei “Ai eu vou ser bailarina, não!” Não teve esse tempo não, romântico [risos] bailarina na ponta do pé, não, era pé sujo mesmo! Pé no chão, na terra e aí fiz umas aulas de balé clássico e tal, códigos e aí isso tudo é repertório, mas eu queria inventar! E aí eu fui, asas... e até hoje eu faço aulas, eu preciso fazer, porque eu me questiono que dança é essa no meu corpo e no corpo do outro. É uma dança do agora, é um treino ordinário como lavar, cozinhar; um treino que você vai entendendo seu corpo, como ele está se renovando, como está a relação gravidade-leveza, volume, expansão-contensão, para você continuar vivo.

**Marcilio de Souza Vieira:** Quais foram os desafios com a improvisação para a tela em tempos de pandemia?

**Dudude Herrmann:** Os meus trabalhos hoje estão assim, gritando por sensibilidade, por um pouco mais de cura e perdão. Eu danço há tanto tempo, que eu leio o mundo pelo movimento. O novo e a novidade para mim é uma somatória do fazer, de como cada pessoa “pega” todas essas informações e faz por si mesma, sabendo que todos nós somos distintos e temos o universo distinto também né? Essa conexão de coisas do mundo corpo, essa mistura de linguagens, essa aproximação e interesse com outras formas de expressar.

**Marcilio de Souza Vieira:** Como era sua metodologia de trabalho com esses desafios da improvisação para a tela (CASA, 2022a, 2022b, 2022c; DUDUDE, 2019, 2020)?

**Dudude Herrmann:** Alguma coisa de sensível entrou em mim. Não era o foco, mas estava ali na sobra, naquilo que resvala, te toca, mas que você está capturando aquilo também. São contaminações que se dão nas margens, mas que nos traz a novidade. Só que estamos todos num processo retilíneo de enclausuramento e estamos nos conectando via fluidos corporais pela tela. O que é que a dança/improvisação precisa? Ela precisa de espaço. E que espaço é esse? Se a gente pode trabalhar a flexibilidade, a imaginação, não existe espaço pequeno e aí a dança pode acontecer em qualquer espaço; o espaço da casa, do quarto, da cozinha por exemplo, podem ser espaços de dança nesses tempos em que usamos muito a tela. É espaço. Aí nós vamos começar a torcer a cabeça [risos]. Um bom improvisador é aquele que assume riscos! Tenho já construída uma pedagogia própria, a qual tem no corpo orgânico sua base de entendimento, com o suporte da educação somática direcionada para a linguagem da improvisação em dança. Daí tive que adaptar essa pedagogia para ser ensinada/mediada para a tela.

**Marcilio de Souza Vieira:** Fale sobre o projeto Decanto de Dança?

**Dudude Herrmann:** O projeto Decanto de Dança propõe processos de investigação e práticas para o trabalho do corpo e da cena para bailarinos, atores, não bailarinos, não atores. O intuito do projeto, que funcionou no modelo presencial e agora em 2021 na modalidade remota, é facultar a percepção de um corpo integrado em sua totalidade, capacidades sensoriais e que sensibiliza para o movimento. É um projeto idealizado e executado pelo SESC Paraty (RJ). É um espaço para podermos decantar as danças. Em 2020 e 2021, o Decanto foi realizado on-line e o trabalho com improvisação foi conduzido por mim [Dudude] a partir da pesquisa dos/nos interiores dos lares e dos seres. Para esta edição, do Decanto, realizada totalmente remota, foram pensados encontros semanais (duas vezes por semana durante três meses) e encontros mensais com mestres da cultura popular e pesquisadores artistas com foco no patrimônio imaterial e na diversidade da cultura brasileira. A proposta teve como finalidade, pensado com o SESC Paraty (RJ), fazer uso da linguagem da improvisação em dança no intuito de fomentar e ativar o corpo como fonte de infinitudes de danças que estão na memória imaterial de cada um de nós.

**Marcílio de Souza Vieira:** O Decanto é um projeto do SESC Paraty (RJ) que acontecia presencialmente. Como se deu a passagem desse projeto para o remoto?

**Dudude Herrmann:** As coisas vão se reinventando de acordo com a necessidade, sempre tem um respiro. No projeto você “faz alguns caminhos erráticos”. Esse projeto foi se reinventando de acordo com os ventos que estavam soprando e a necessidade do fazer. O artista criador precisa ter asas para o novo.

**Marcílio de Souza Vieira:** Desse projeto Decanto de Dança, em sua edição remota, surgiram trabalhos de improvisação em dança bem interessantes. Como você avalia essa nova forma de improvisar/criar para a tela?

**Dudude Herrmann:** Eu escolhi, como a minha figura, a sua a do outro precisa ser vista pelo espaço, com as suas estratégias; fatalmente para essa imagem tocar o espaço do outro eu preciso sair na frente e foi isso que fizemos com os processos improvisados desse Decanto remoto. É um trabalho quase de magia, porque tudo é medir as energias, a energia que eu preciso para desaparecer e estar em outra frequência e intensidade. Para que juntos possamos adentrar em mundos, em que só a imaginação alcança

**Marcílio de Souza Vieira:** Que outros projetos para a tela, quer artístico, quer pedagógico que você fez com improvisação?

**Dudude Herrmann:** Sem ter o que dançar, foi se curar (realizado com recursos da Lei Federal Aldir Blanc), Casa – espaço articulador de danças do dia a dia (oficina contemplada com recursos do Edital da Funarte “Arte em qualquer parte”, ano 2021).

**Marcílio de Souza Vieira:** Você poderia descrever um desses projetos?

**Dudude Herrmann:** “Sem ter o que dançar, foi se curar” foi um projeto realizado com recursos da Lei Federal Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020, edital 14, MG, Termo de compromisso Secult/LAB-FCS nº 23294612/2020. “Sem ter o que dançar, foi se curar” é um videodança de Dudude Herrmann e Thais Mol, com música de Paulo Beto e produção de Patrícia Matos. Captura de imagens e edição videográfica de Thais Mol com concepção e interpretação de Dudude Herrmann. Sinopse: assim como o corpo se move para criar uma dança, as imagens estão em constante construção, buscando registrar esse corpo e seu entorno, movem-se pelas relações entre mundo e sujeito. Não há

o que fixar, há a relação em fluxo. Ora o personagem exhibe sua aflição de um mundo-desastre, ora coexiste com água, folha, pedra e chão. Há uma dança entre o corte íntimo dos detalhes da experiência corpórea com a vastidão do que nos contém. Há o choro, o grito e a fruição. Mas também a denúncia de que perdemos a noção de nosso lugar no mundo em que água vira fogo, azul se torna amarelo, a raiz sai do chão. Ecoam sons da floresta, árias de emoções do mundo, atmosfera que unem tudo que somos num caldeirão de sentidos.

**Marcílio de Souza Vieira:** Suas considerações finais para essa experiência de improvisação na/para a tela.

**Dudude Herrmann:** A arte é minha forma de ver o mundo, o movimento é minha forma de ler o mundo, é a minha escrita. Eu quero ir para o lugar que eu ainda não fui, o desconhecido. O que é dança para uma tela? Um dia eu me pergunto o que é isso. É movimento. Eu amo a vida, amo fazer as coisas, aí eu uso do movimento. Para mim, o principal ingrediente de fazer a arte seja ela presencial ou numa tela é a liberdade.

## Referências

CASA: espaço articulador de danças do dia a dia (arrumar a cama). [S. l.: s. n.], 2022a. 1 vídeo (21 min). Publicado pelo canal coisasdedudude. Disponível em: [https://youtu.be/FmIx4\\_jl3uY](https://youtu.be/FmIx4_jl3uY). Acesso em: 16 nov. 2022.

CASA: espaço articulador de danças do dia a dia (estender a roupa). [S. l.: s. n.], 2022b. 1 vídeo (21 min). Publicado pelo canal coisasdedudude. Disponível em: <https://youtu.be/JxivoidR7iQ>. Acesso em: 16 nov. 2022.

CASA: espaço articulador de danças do dia a dia (varrer). [S. l.: s. n.], 2022c. 1 vídeo (21 min). Publicado pelo canal coisasdedudude. Disponível em: <https://youtu.be/gjsqs5RGEE4>. Acesso em: 16 nov. 2022.

DUDUDE Herrmann: Retratos da dança. [S. l.: s. n.] 2019. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal Rede Minas. Disponível em: <https://youtu.be/D9kQXo29o2c>. Acesso em: 16 nov. 2022.

DUDUDE Herrmann em danças guardadas pela casa. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo canal Sesc São Paulo. Disponível em: <https://youtu.be/XtHu6plCNbA>. Acesso em: 16 nov. 2022.